



## NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA MULHER NEGRA: IDENTIDADES SOCIAIS DE RAÇA E GÊNERO

Andreia Teixeira Ramos – andreiatramos.ea@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo, Ufes, Vitória, Espírito Santo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3682-3450>

**RESUMO:** O presente texto se debruça sobre o tema das identidades raciais e de gênero constituídas nos cotidianos da vida de uma estudante e professora, durante o curso de doutorado em educação, a partir do contato com vastos materiais acadêmicos relacionados às questões étnico-raciais. O objetivo do artigo é apresentar narrativas autobiográficas de uma mulher negra, que é professora-pesquisadora, com foco na construção de sua identidade racial. A base teórica que deu sustentação às reflexões foram as vozes de várias mulheres negras, cito aqui bell hooks, Grada Kilomba e Sueli Carneiro. Outra importante presença é a da literatura de Conceição Evaristo, que nos convida a traçar a arte de escrivência de narrativas autobiográficas que carregam sentimentos, gestos, afetos, amizades, tensões, conflitos, negociações, os quais compõem as lembranças das experiências de vida da autora. Além dos textos de Paulo Freire com ênfase na escritura de cartas, importante procedimento pedagógico que tornou possível a elaboração de narrativas autobiográficas como forma de promover o processo de constituição da identidade racial da autora do artigo. A metodologia empregada foi a pesquisa narrativa, valendo-se do gênero carta como exercício de narrar-se, aqui utilizado com valor pedagógico e metodológico, não pressupondo, necessariamente, o envio aos destinatários. Como resultados alcançados, com a escrita das narrativas autobiográficas me reconectei com certas memórias, acontecimentos, experiências passadas, erguendo minha voz no processo de autocrescimento e autorrecuperação, possibilitando a desmontagem das estruturas de dominação, e, reinventando modos outros de ser e viver.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas autobiográficas; Identidades sociais de raça e gênero; Mulher negra.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente texto se debruça sobre o tema das identidades raciais e de gênero constituídas nos cotidianos da vida de uma estudante e professora, durante o curso de doutorado em educação, a partir do contato com vastos materiais acadêmicos relacionados às questões étnico-raciais.

O objetivo geral deste artigo é apresentar narrativas autobiográficas de uma mulher negra, professora-pesquisadora, com foco na construção de sua identidade racial.

A base teórica que deu sustentação às reflexões ao longo das travessias de escrita das narrativas autobiográficas é composta por autoras negras, como bell hooks, Grada Kilomba e Sueli Carneiro. Esta última afirma que “Ser mulher negra coloca outras contradições, outras necessidades e outras demandas que o feminismo teria que incorporar, se quisesse representar as necessidades e os interesses do conjunto de mulheres brasileiras” (CARNEIRO, 2017, p. 19). Outra importante presença é a da literatura de Conceição Evaristo (2016a, 2016b, 2017a, 2017b e 2017c), que nos convida a praticar a arte da *escrivência*

e a “estilhaçar a máscara do silêncio” (EVARISTO, 2017, online)<sup>1</sup>, a partir da escrita de narrativas autobiográficas portadoras de sentimentos, gestos, afetos, tensões, conflitos, negociações, os quais compõem as lembranças das experiências de vida da autora. Somam-se ainda a estas autoras os textos de Paulo Freire (2011, 2014, 2015) cuja ênfase recai na escritura de cartas como importante procedimento pedagógico que tornou possível a elaboração de narrativas autobiográficas como forma de empoderamento, promovendo o processo de constituição da identidade racial da autora do artigo.

A metodologia empregada foi a pesquisa narrativa (REIGOTA, 2016), na qual o gênero carta é tomado como exercício de narrar-se. Dado que a carta é aqui utilizada com valor pedagógico e metodológico, não se pressupunha, necessariamente, o envio aos destinatários.

Com isso em mente, o artigo foi organizado da seguinte maneira: na primeira parte, apresento brevemente a proposta e seu esteio teórico e metodológico para, num segundo momento, realizar uma breve discussão teórica, seguida de três cartas nas quais vão se explicitando meu processo de autoidentificação como mulher negra, finalizando com algumas considerações.

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Início essa escrita em diálogo com o pensamento de Paulo Freire, a partir do livro *Pedagogia do Oprimido*:

Mais uma vez os homens e as mulheres, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu "posto no cosmos", e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. (FREIRE, 2014, p. 29, grifo nosso).

Pergunto-me então qual é o meu “posto no cosmos”? Qual é o meu posicionamento, o meu lugar no mundo como mulher negra que insiste e resiste no constante exercício de afirmar-se como existência singular?

Ao longo do percurso como doutoranda, ao debruçar-me sobre o cotidiano escolar, tais questões levaram-me a problematizar minha própria experiência como criança negra. Tomo aqui as palavras da pesquisadora Eliane Cavalleiro (2015) para dizer dessa experiência.

No contexto escolar, meu silêncio expressava a vergonha de ser negra. Nas ofensas, eu reconhecia “atributos inerentes” e, assim sendo, a solução encontrada era esquecer a dor e o sofrimento. Vã tentativa. Pois pode-se passar boa parte da vida, ou até mesmo a vida inteira, sem nunca esboçar qualquer lamento verbal como expressão de

---

<sup>1</sup> Entrevista com Conceição Evaristo, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 22. Out. 2019.

sofrimento. Mas sentir essa dor é inevitável. Dada sua constância, aprende-se a, silenciosamente, “conviver”. (CAVALLEIRO, 2015, p. 10).

Esse convívio silencioso com a dor me remete a uma passagem do livro de Sueli Carneiro (2018) na qual a autora argumenta a dupla opressão da mulher negra:

A mulher negra é a síntese de duas opressões, de duas contradições essenciais: a opressão de gênero e da raça. Isso resulta no tipo mais perverso de confinamento. Se a questão da mulher avança, o racismo vem e barra as negras. Se o racismo é burlado, geralmente quem se beneficia é o homem negro. Ser mulher negra é experimentar essa condição de asfixia social. (CARNEIRO, 2018, contracapa).

Asfixia que se aprende, nos cotidianos, a encarar como natural. Assim, a *escrivência* de Conceição Evaristo me reconectou com minhas memórias culturais ancestrais, plantadas no tempo, movimento expresso no conceito de Sankofa, que significa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. “Sankofa – representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda – faz parte do conjunto de ideogramas africanos chamados adinkra.” (OCUPAÇÃO ABDIAS NASCIMENTO, 2016, p. 20). Ao escrever as cartas tive a possibilidade de perceber que “Nossos passos vem de longe”, me animando, fortalecendo e empoderando na arte da palavra escrita não como mero dizer, mas como exercício ético de retornar e pegar o que é preciso para constituir minha “posição no cosmos”.

\*\*\*

Nos entre caminhos investigativos do doutorado, em que as narrativas autobiográficas constituíram o fundamento ético, político e epistemológico de minha tese, uma intensa expectativa tomou conta de mim, pois são numerosos os desafios para ingressar em um curso de pós-graduação, frequentar as disciplinas, permanecer e concluir o doutorado. Nesse caminho, era preciso pensar no ritmo de escrita, com a escrita, viver a espera e experiência do tempo da vida, ler e escrever, buscando expressar com sensibilidade tudo quanto fosse importante nas folhas de A4. Assim, pensando com Grada Kilomba (2019), acredito que escrever é uma

[...] forma de transformar, pois eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político [...] o ato da escrita como um ato de tornar-se. (KILOMBA, 2019, p. 27-28).

Nesse processo de tornar-se por meio da escrita, adquiri um caderno com folhas sem pauta e comprei um lápis, em busca de uma escrita mais lenta, desacelerada, que pudesse abraçar os tantos desafios e deslocamentos vividos durante o período do doutorado – deslocamentos acadêmico, emocional, espiritual, filosófico, estético e político. A partir deles, tomei para mim o desafio e iniciei uma

maratona diária de dedicação, atenção e cuidado no ler, escrever, reler, reescrever, ler-reler-reescrever. Todo dia era dia de trabalhar um pouco o texto, vencendo o medo de não saber dizer-fazer, e eram muitas as frentes de trabalho. Alguns dias, trabalhei no material 2 ou 3 horas, estes eram os dias corridos de uma mulher negra, mãe, pesquisadora, professora; em outros, chegava a ficar 6 horas debruçada sobre o texto, num movimento incansável para conseguir elaborar o que era preciso e erguer a voz. Como destaca bell hooks (2019, p. 136-37),

É por isso que penso ser importante mulheres negras no ensino superior escreverem e falarem sobre nossas experiências sobre estratégias de sobrevivência [...] Ler essas histórias me ajudou a me sentir menos sozinha. Eu escrevi este ensaio por causa das conversas que tive com pós-graduandas negras, que estão em desespero, frustradas, com medo de que as experiências que estão tendo sejam únicas. Quero que elas saibam que não estão sozinhas, que os problemas que surgem e os obstáculos criados pelo racismo e pelo machismo são reais – realmente machucam –, mas não são insuperáveis. Talvez estas palavras tragam consolo, aumentem a coragem delas e renovem seu espírito.

Assim, um dos momentos de escrita que mais me tocou foi aquele em que escrevi a Carta para minha vovó Dindinha como antecedente de minha tese de doutorado, ocasião em que voltei no tempo para construir uma narrativa autobiográfica pessoal-familiar ancestral. É uma carta recheada de memórias dos lugares, dos gestos, dos cheiros e prazeres da infância. Outra carta importante foi endereçada a minha filha, Maria, e uma última, esta endereçada ao meu orientador, Marcos Reigota, em que, numa aventura de tornar-se, narro meus encontros com a vasta bibliografia relacionada às questões étnico-raciais. É importante destacar que a experiência da narrativa autobiográfica, explicitada nas três cartas, marca os momentos em que me percebi e em que emergiu em mim uma voz libertadora que só emerge quando o oprimido experimenta a autorrecuperação, ideia que guarda estreita afinidade com o pensamento freireano.

Paulo Freire afirma, na *Pedagogia do Oprimido*: “não podem comparecer à luta como quase ‘coisas’, para depois ser homens”. O ato de se tornar sujeito é ainda outra maneira de falar do processo de autorrecuperação. (HOOKS, 2019, p. 75).

Assim, posso dizer que, com o processo de escrita das cartas, vivi um momento de autorrecuperação, desencadeando uma mudança na autopercepção e fortalecendo minha identificação como mulher negra, professora, pesquisadora que ergue a voz para falar sobre algumas experiências cotidianas de racismo vividas por mim. Desse modo, a escrita da “narrativa autobiográfica me permitiu olhar para o passado a partir de uma perspectiva diferente, e usar esse conhecimento como um meio de autocrescimento e mudança de uma forma prática” (HOOKS, 2019, p. 322).

## ANTECEDENTES: Carta para Vovó Dindinha

Ilha de Vitória, 18 de maio de 2018.

Olá amada vovó Dindinha, que saudade sinto da senhora.

Decidi escrever uma carta para contar como anda minha vida por aqui. Escrita recheada de profunda gratidão...

Escolhi um lugar especial para esse momento, lugar que poucas pessoas da nossa família frequentaram e frequentam. Espaço privilegiado, para poucos.

Estou aqui debaixo da copa de uma frondosa mangueira, ao lado da sombra boa de um pé de jamelão. Isso me faz recordar minha infância, em que *cresci brincando no chão entre formigas*, comendo jamelão até a língua ficar bem roxa, e lambuzando-me com deliciosas mangas...

Ah, vovó me esqueci de dizer onde estou. Estou no campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo, única Federal do nosso estado. Aqui, concluí meu mestrado em educação e fui professora substituta durante dois anos no Centro de Educação. A graduação cursei em uma faculdade de educação particular; nunca prestei o vestibular por não acreditar que fosse possível para mim ingressar em uma universidade pública. Era um sonho estudar na Ufes, mas um sonho bem distante na época. A senhora não vai acreditar, mas, hoje, minha filha, Maria, sua bisneta, estuda aqui: uma alegria para toda a família. É a primeira pessoa da nossa família, e única até o momento, a cursar a graduação em uma universidade pública federal, e isso graças à recente ação afirmativa resultante da política de Cotas social e racial.

Dias atrás, conversava com mamãe sobre você. Lembramo-nos das histórias de nossa família, quando o bisavô Eurípides, um português, e a bisavó Angelina, uma italiana, se casaram, e logo tiveram você, Eulina, a filha primogênita, tão amada pelo casal. Mamãe disse que vocês viveram muitos anos em Manguaraí, distrito de Santa Leopoldina, na zona rural. O bisavô era comerciante, tinha uma venda e um alambique, e a bisavó cuidava dos filhos e das filhas, as trigêmeas, as três Marias. Mamãe me contou que a senhora, quando era ‘jovenzinha’, trabalhou como professora normalista na região rural de Melgaço, distrito vizinho. Que alegria saber, vó, que a senhora foi um dia professora, e que hoje me tornei uma também. Ouvir essas histórias me fortalece, e aprendo com elas.

Mamãe me narrou como a senhora conheceu o vô Wilson, um homem com traços marcantes dos povos indígenas. Ele trabalhava como barbeiro itinerante, era cantador e tocava violão. Como diz mamãe — *Seu avô pegou mamãe no laço*. Hoje, passados tantos anos, penso que, quando menina, escutei de modo romântico essa frase. Somente mais tarde percebi o quanto de violência para com as mulheres ela carrega, roubando-as em sua liberdade de viver e escolher os próprios caminhos.

Vó, a senhora foi uma lutadora. Na época, seus pais não aceitaram o acontecido e a deserdaram. Sua vida foi ficando bem difícil. Mamãe disse que as mudanças de residência eram constantes. Vovô passou a pescar, a fazer redes com taboa, e terminou a vida como tocador de cavaquinho e violão na boemia, depois de atuar como apontador de jogo do bicho. As agressões por parte do vovô marcaram seu corpo, e quero te dizer que lamento por isso. Na lida intensa de cuidar de quatro filhas e dois filhos, a senhora foi assistente de enfermagem na unidade para tratamento de pacientes com tuberculose e outras doenças infecciosas no Hospital da Ilha da Pólvora, fundado em 1925, hoje desativado. E mamãe contou que a senhora, durante muito tempo, foi lavadeira, e que se aposentou como tal, além de ter sido costureira e bordadeira, em algumas ocasiões, para ajudar na renda familiar.

Tenho poucas lembranças do vovô, ele se foi quando eu era menina. Mas me recordo que vocês moravam no mesmo quintal, só que em casas separadas. Uma coisa ficou registrada: quando ia até a casa dele, sentava no chão para escutá-lo tocar e cantar Pixinguinha, Cartola, e principalmente a composição *Índia*, com a letra de Manuel Ortiz Guerrero e música de José Asunción Flores, e a versão em português de José Fortuna, interpretada por Cascatinha e Inhana.

*Índia seus cabelos nos ombros caídos  
Negros como a noite que não tem luar  
Seus lábios de rosa para mim sorrindo  
E a doce meiguice deste seu olhar  
Índia da pele morena  
Tua boca pequena eu quero beijar  
Índia sangue tupi  
Tens o cheiro da flor  
Vem que eu quero lbe dar  
Todo meu grande amor*

Lembro com alegria do que aprendi com a senhora, dindinha, que com todo seu saber exercitava um modo singular de educar com amor e generosidade. Com a senhora, aprendi a gostar de banhar-me no Rio Mangaraí, a sentir a brisa da ponte Rio-Niterói, no Rio de Janeiro, no arrebol dos passarinhos. Lembro-me que, quando o ônibus chegava à ponte Rio-Niterói, a senhora me acordava dizendo: — *Déia, acorda para ver a ponte!*

Recordo com alegria das esperadas férias de julho e janeiro, quando íamos passear em Mangaraí, na casa da Orlandina. Que delícia os banhos de rio, córrego e cachoeira. Acordar e subir no pé de goiaba e me lambuzar com as mangas do grande quintal, brincar com terra... Na hora do almoço, colher limão galego no pé, a pedido da Orlandina, para colocar na carne de porco frita que a senhora comprava na venda local, que delícia aquela farinha. Comer arroz e feijão feito no fogão à lenha era uma maravilha, ainda sinto o gosto na boca. À tardinha, íamos pegar fruta-pão no pé para fazer sopa, e, no dia seguinte, a comíamos cozida com café. Jenipapo não podia faltar para fazer seu famoso licor. Como esquecer o

doce de abóbora com coco feito pela senhora. Com a senhora, aprendi a gostar das plantas e chás de ervas, que eram compartilhados com afeto na família. Hoje, cultivo em minha casa pés de manjeriço, alecrim, hortelã... e lembro-me dos chás de boldo e de capim cidreira que senhora fazia quando sentíamos algum mal-estar.

As viagens para o Rio de Janeiro aconteciam, geralmente, no mês de janeiro, época em que íamos visitar tio Joel que trabalhava como marinheiro mercante, aguardava ansiosa por esses dias. Nilópolis era um mundo para mim. Andar de moto do tipo Harley-Davidson com titio era uma diversão na certa, e manusear com curiosidade a coleção de vinis ouvindo o álbum *The Wall* do Pink Floyd e os do Creedence fazia parte da viagem. Lembranças que marcaram minha pele e meus ouvidos.

Recordo-me que, ainda bem novinha, íamos de vez em quando à casa do bisavô Eurípedes, um casarão antigo, com janelas grandes de madeira. A senhora ia para cuidar do bisavô que estava no fim da vida, bem idoso, com os cabelos brancos, um homem alto, com fala grossa e embolada. Lembro-me da mesa do almoço, meus pés sequer alcançavam o chão. A senhora colocava uma banana prata junto com minha comida e dizia. — *Vê se para de cantar e come. Essa menina tem costume de comer cantando...* Vovó, confesso que até hoje tenho o hábito de comer cantando e, sempre que posso, a comida vem acompanhada de uma banana prata.

São tantas as recordações que me emociono ao voltar no tempo. Hoje, essas memórias são recriadas dentro de mim e reinventam o meu viver cotidiano. Histórias que marcaram a minha vida e me fazem ainda aprender com elas.

Termino essa escrita em uma linda tarde de outono, o céu está levemente azul rosado; nas árvores frondosas aqui da Ufes, os bem-te-vis e as maritacas fazem seu pouso com cantorias que encantam.

Despeço-me da senhora dizendo, minha querida vovó Dindinha, que estou concluindo o doutorado em educação com muita luta, inspirada na sua resistência. Pesquiso as Mulheres no Congo, mulheres que, como você, são fortes e corajosas, mulheres guerreiras. Por isso me lembro com admiração das suas lutas cotidianas. Você viveu a dor de perder duas filhas, queridas tias, uma que teve seu direito de viver retirado pelas próprias mãos do marido e a outra, violentada pelo namorado até não ter mais sopro de vida. Lamentavelmente, vovó, duas filhas que entraram para os dados estatísticos de violência contra a mulher que termina em feminicídio. A senhora, vó, mesmo com toda dor, cuidou de seus netos para que eles tivessem, junto com você, uma vida digna e para que nada lhes faltasse.

Continuarei aqui com fé na vida, no caminhar, no encontro com as Marias da minha vida. Como diz Milton Nascimento, lembrando as tantas Marias, “é preciso ter sonho sempre.” E assim, queridíssima vovó, vou costurando as histórias da minha vida nos muitos cotidianos experimentados.

Um beijo bem carinhoso de sua neta.

Com gratidão, Dedeia.

### **Carta para minha filha Maria**

Minha querida e amada filha Maria,

Escrevo essa carta para lhe contar um pouco dos pedaços das histórias da minha vida que me constituíram até os dias de hoje. Para iniciar essa escrita, escolhi um lugar que é muito habitado por você e pelas suas amigas e amigos da Ufes. Parei aqui no Pit Stop da Rua da Lama, espaço frequentado pelos estudantes universitários para conversar e viver.

Num lugar tão significativo, escrevo essa carta muito aflita e com o coração bem apertado. São três horas da tarde do dia 7 de outubro, um domingo cinza e chuvoso de eleição eleitoral, momento em que lutamos contra um candidato a presidente que é um militar autoritário e representa toda forma de discurso fascista, racista, machista, moralista, homofóbico, ameaçando esfacelar as conquistas que fizemos em termos de direitos humanos e sociais. Uma coisa angustiante de viver, especialmente quando vemos pessoas tão próximas apoiando esse discurso de ódio em nossa sociedade.

Para me inspirar e tentar amenizar a agonia e a ansiedade em aguardar o fim da apuração e o resultado final das eleições, decidi ouvir as músicas da banda Legião Urbana, para traçar essa escrevivência num momento de desassossego para mim e para outras tantas mulheres negras de um povo que há 518 anos luta por direitos. É em meio a essa inquietude que vou me dando conta das coisas que vi, do tempo em que nasci e cresci. Maria, nós nascemos e crescemos em tempos muito diferentes.

Na minha época, colecionava papéis de carta e usava um caderno, chamado de caderno de perguntas e respostas, para saber dos gostos de algumas pessoas, e isso era também uma forma de comunicação entre os grupos, um meio de sabermos em que nos parecíamos e em que nos diferenciávamos. Naquela época, não eram todas as casas que podiam contar com um telefone fixo, pois as contas eram caras, então o telefone não servia para conversar, mas para combinar o encontro. Hoje, você e sua geração usam a rapidez das redes sociais para conversar, embora ela guarde um pouco da ideia do caderno, e os celulares estão por toda parte. Cresci “brincando no chão entre formigas”, quintal que você conhece, na casa onde sua avó, minha mãe, ainda hoje mora. Eu mesma vivi nessa casa-quintal até os 19 anos, e só me mudei depois de casada. Foi nessa época, por causa do meu primeiro casamento, que fui viver em outro lugar, um lugar no mesmo bairro.

Vou te contar que vivi, no passado, no antigo Beco, hoje chamado de “Beco São João”, onde moravam sete famílias italianas; havia três casas de um lado e quatro do outro, sendo que mais da metade destas pessoas pertenciam à mesma família. Nossa casa ficava no final do Beco. Assim, passei minha

infância brincando no nosso quintal e, às vezes, no quintal de uma coleguinha, quando sua avó permitia – o que era muito raro. Nosso quintal tinha muitas árvores, pés de jamelão, de goiaba vermelha, de cajá, de amora, além de diversas plantas, dentre elas, rosa branca, antúrio, regados de muito amor. Era um “quintal maior do que o mundo”, diria o poeta.

Lembro-me das brincadeiras de infância: vivo ou morto, passa anel, pular corda, bambolê, elástico, pique-pega, amarelinha, boca de forno, cozinhadinho, pique-bandeira, telefone sem fio, galinha do vizinho, advinha, cinco Marias, ciranda, chicotinho queimado, detetive, estátua, vaca amarela, pique esconde, corrida de saco, queimada... O dia era uma festa. Brincávamos com terra molhada, de desenhar no chão com galhos das árvores e subíamos em árvores para conversar e viver o tempo da vida. Tudo era uma alegria! Muitas das nossas brincadeiras de infância são desconhecidas de vocês, com o avanço das tecnologias, a sua geração busca outras formas de diversão e encontro.

Nessa época, incentivada por mamãe, sua avó, e por vovó, sua bisavó, iniciei minhas primeiras experiências no cuidado com as plantas, o aprendizado com as ervas medicinais, o manejo da ‘composteira’ e da horta de temperos verdes. Escutava atenta sua bisavó quando íamos de ônibus pela Ilha de Vitória:

— *Aqui era tudo mangue, agora está tudo aterrado, acabaram com o mangue.*

Hoje, os tempos são outros, e a cidade não para, a cidade só cresce. E é isso!

Escolhi essa história, Mary, como a primeira para lhe contar. Foi um acontecimento que marcou minha infância, e que somente há pouco tempo fui entender o que de fato aconteceu comigo, porque, como diz o verso da canção Faroeste Caboclo, eu “Não entendia como a vida funcionava, discriminação por causa da sua classe, sua cor”.

*Dona Judite, uma senhora branca, bordadeira, começou a ofertar vagas para ensinar crianças a bordar. Eu e minha coleguinha de infância, Maresa, fomos nos oferecer para participar das aulas de bordado. Recordo que, nas primeiras aulas, Dona Judite apresentava certa impaciência em me orientar na arte de bordar, até que um dia ela me disse:*

— *Você não tem jeito para bordar porque sua mão é suja!*

*E eu disse:*

— *Vou lavar bem as minhas mãos para ficarem limpinhas e eu poder participar das aulas e aprender a bordar.*

*E ela repetiu:*

— *Você não tem jeito para bordar porque sua mão é suja!*

Maria, meu belo filhote, saí descontente da aula naquele dia e nunca mais voltei. Já em casa, lavei muito minhas mãos para tentar limpá-las da sujeira que Dona Judite disse que estava nelas. Passei a acreditar de fato que eu não tinha habilidade para a tal arte. Recentemente, minha filha, lendo crônicas e contos escritos por mulheres negras “entendi como a vida funcionava”. O que vivi na infância foi uma atitude de discriminação racial e social.

Ah, minha filha, essa é apenas umas das situações concretas de racismo que experimentei na infância. Mas não escrevo essa carta para listar todos os acontecimentos que me afetaram em razão de atitudes discriminatórias, porém, alguns deles quero contar, e acredito que é preciso fazê-lo para romper o silêncio. Foram inúmeras as vezes em que fui agredida com expressões verbais depreciativas ditas por alguns colegas na escola, na igreja, pelos vizinhos e em outros espaços de convivência. Na escola, experienciei, quando criança, situações de rejeição por parte de alguns docentes em relação ao contato físico – seja um abraço, um beijo, uma manifestação qualquer de carinho –, ou mesmo olhares de desprezo. Creio que o acontecimento mais marcante que vivi como criança negra foi a questão do cabelo, que mamãe, sua avó, fazia questão de manter preso, bem penteado, chegando, às vezes, a cortá-lo bem curtinho, para evitar constrangimentos. E mesmo assim, constantemente, ouvia alguém dizer:

— *Prende esse cabelo, está muito armado...*

Na minha infância, era comum ouvir coisas desse tipo, e foi preciso resistir para superar o desprezo que imperava e impera na sociedade brasileira, e, como criança negra, ressignificar sentidos outros para re-existir diariamente, já que nos lugares onde habitava havia poucas negras e negros autodeclarados, e eu era considerada a ‘moreninha’ da sala de aula, do coral da igreja, da turma da natação, do basquete, da dança, do grupo de Balizas.

Quero te contar como as expressões artístico-culturais, como a dança e a música, me acompanharam e me fortaleceram desde pequena. Minha primeira experiência concreta foi no jardim de infância, quando fui baliza pela primeira vez. Só para você saber, baliza é uma menina-mulher que fica na frente de uma banda ou fanfarra marcial fazendo demonstrações de ginástica artística, rítmica e dança coreografada, às vezes utilizando um bastão. Com sua alegria, ela informa ao público que a banda apareceu para brilhar. Foi com muita alegria que desfilei como baliza quando estudei no Centro Municipal de Educação Infantil Menino Jesus, escola onde nossa querida Alana, minha sobrinha-afilhada, hoje estuda. Lá, tive uma professora que foi uma grande incentivadora nessa etapa da minha vida.

Não posso me esquecer de dizer que sua avó, minha mãe, também sempre foi uma grande incentivadora para que eu participasse de atividades artísticas e culturais nas escolas. Desde a educação infantil, mamãe costurava com muito amor e dedicação todas as roupas para os acontecimentos festivos. Com sua garra e vontade de viver, nas horas de folga alegrava a casa, cantando ao som do disco vinil de Clara Nunes.

Outra ocasião que até os dias de hoje continua presente nos cotidianos escolares é a tal comemoração do Dia do Índio, em 19 de abril. Recordo que certa vez me vestiram com roupas e adereços simulando uma índia, eu e mais duas colegas, e nos colocaram em cima de uma mesa, expondo-nos para toda a comunidade escolar. Minha indignação é que, passados quase 40 anos, as escolas ainda continuam “enfeitando” as crianças de indígenas, digo isso porque você está estudando para ser professora de artes

e desejo que suas práticas pedagógicas sejam as de uma educação como prática de liberdade, anticolonial e antirracista.

Ah! Ia me esquecendo de comentar com você que entrei na escola com 7 anos de idade, diferente de você que, com 3 meses, já passava meio período na creche onde eu trabalhava como coordenadora pedagógica. Lembro-me da felicidade que foi para mim a oportunidade de habitar os cotidianos de uma escola, brincar, merendar, dançar, conversar, viver com outras crianças e participar das festas.

Outro acontecimento que quero relatar para você, e que foi um ponto importantíssimo – e penso que fez escolher trabalhar com o congo, desde o projeto do mestrado iniciado em 2010 –, foi ter participado de uma festa de folclore no mês de agosto, quando ainda cursava a antiga quarta série na Escola Municipal de Ensino Fundamental Stélida Dias. Naquela ocasião, tive uma professora negra que me acolheu com carinho, e foi assim que iniciamos os ensaios para dançar frevo aos sons de Gal Costa, apresentando a cultura do estado de Pernambuco. Os anos se passaram, e, quando comecei a escrever meu projeto para o mestrado, me questionei sobre o porquê de nunca ter estudado o congo na educação básica; dancei frevo, mas congo não.

Essa questão ficou martelando em minha cabeça por um bom tempo, e hoje sei que, com as muitas lutas dos movimentos sociais negros em todo Brasil, foi possível colocar na letra da lei a inclusão, no currículo oficial da rede de ensino, o estudo da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena. E mesmo com essa obrigação, este ano fui a uma escola pública de Ensino Fundamental, para participar de uma mostra cultural, e uma turma do 4º ano dançou o frevo para apresentar a região Nordeste do Brasil. Voltei no tempo e recordei da minha época, e fiquei descontentemente pensativa, perguntando-me porque não levar o congo às crianças das escolas, sendo que a instituição fica no município onde existem quase 20 Bandas de Congo, entre adultas e mirins – além do que o frevo está longe de ser a única expressão do Nordeste.

Bom, como naquela época havia poucas vagas em escolas públicas, logo que terminei a 4ª série mamãe me matriculou em uma instituição da Igreja Batista, que cobrava um valor pequeno, mesmo assim pago com muito custo com o pequeno salário que ela ganhava como empregada doméstica. Seu avô, meu pai, trabalhava nessa época como encanador industrial numa fábrica de chocolates, além de ser pedreiro nos dias de folga. Quando cheguei nessa escola, conheci muitas meninas que gostavam de dançar, e, com a ajuda de uma professora, formamos um grupo de dança. Ensaiávamos para desfilar como balizas nos desfiles de 7 de setembro pela avenida mais popular do bairro. Estudei somente um ano nesta escola, e tive que sair por causa da falência da instituição. Foi um ano conturbado e tínhamos poucas aulas por causa da falta de pagamento dos docentes. Assim, fui transferida para outra escola.

Talvez você não entenda a importância de meu envolvimento com os movimentos artístico-culturais, no caso a baliza, mas como morávamos em um bairro periférico com ausência de áreas de lazer

e entretenimento para a comunidade, o desfile de 7 de Setembro se tornou um grande acontecimento, quando todos saíram para as ruas, sendo o momento de encontrar e reencontrar as amigas e os amigos, conversar compartilhando amizades e afetos. A gente reinventava o desfile cívico. E você sabe que, até os dias atuais, o bairro continua assim, as pessoas saem para as ruas para assistir as escolas com suas produções culturais, e atualmente é possível visualizar também as expressões culturais locais apresentadas nos desfiles.

Nessa *aventura de contar-me*, quero lhe dizer que fui estudar na escola comunitária Cenecista de Campo Grande (Cnec), instituição que você conhece, pois estudou lá durante boa parte de seu Ensino Fundamental. Nesta escola, desejei me tornar também uma baliza, coisa que conquistei depois de muita insistência para fazer uns testes com a professora regente. Esse foi um momento inicialmente feliz. Chegou o grande dia! Dia de ensaio da banda marcial, em que todas as balizas estariam presentes. Era meu primeiro ensaio! Mas, momentos antes, fui chamada em uma sala da escola por um grupo de meninas balizas e lá elas me disseram que eu não poderia participar do grupo. Eu perguntei a razão, e elas disseram:

— *Você não pode participar, você não tem roupa, não sabe se vestir.*

Elas olharam para meu corpo e cabelo com um desprezo que nunca esquecerei. Saí de lá arrasada e, naquele momento, não entendi de fato o que aconteceu. Hoje, anos depois, sei que o que vivi ali tem nome, chama-se discriminação racial, e novamente por causa da minha etnia e classe social. Mesmo assim, não desisti de participar como baliza e fui tentar uma vaga na banda mirim. Hoje, sei que elas impediram que eu entrasse porque todas as balizas eram brancas e tinham cabelos longos e lisos, só eu era negra com o cabelo cacheado. Não tinha nenhuma baliza negra. E isso fez a diferença virar indiferença e racismo. E assim fui seguindo a vida, não desistindo, resistindo e insistindo para ocupar esses espaços de práticas artísticas e culturais.

Depois de tudo isso, minha Maria, continuei estudando no CNEC, porém decidi sair do grupo de balizas mirins e tentar uma vaga como baliza em uma experiente banda marcial de uma escola pública do meu bairro. Fui inúmeras vezes nesta escola procurar a professora de educação física, que era a coordenadora das balizas, até que um dia consegui conversar com ela e fui aceita para participar dos ensaios do grupo. Esse grupo foi mais receptivo, lá fiz amigas e amigos que estudavam nessa escola. Na ocasião, tive o meu primeiro contato com o que hoje denominamos de mulher trans, uma incrível dançarina que atualmente é diretora de cinema e atriz. Foi muito prazeroso participar desse grupo de dança, fui muito feliz nessa fase de minha vida, e, a cada apresentação da banda, uma alegria contagiante que me invadia.

Quero te dizer que vivi bons momentos no CNEC, mas que também me senti deslocada quando entrei nesta escola. Tanto que a prática de esporte de que sempre gostei não pude realizar, pois os grupos e times estavam todos fechados, e quem chegava depois ficava na reserva do time, que quase nunca

jogava. Por isso, na 7ª série, passava boa parte das aulas de educação física sentada na arquibancada, observando o time de meninas brancas de cabelo liso treinando. Maria meu amor, um respiro foi quando, na 8ª série, a instituição teve que contratar uma outra professora de educação física, e foi assim que pude participar das aulas.

Essa maravilhosa docente conduzia as aulas de modo amoroso e acolhedor. Num certo momento, ela nos convidou para produzir uma dança para ser apresentada na mostra cultural, e a música escolhida foi *Bola de meia, bola de gude*, de Milton Nascimento. Essa escolha caiu como um bálsamo na minha vida, como menina negra estudando em uma escola onde a maioria era de brancos. Passei dias solidários nos ensaios promovidos pela professora e até hoje recordo a coreografia que criamos. Destaco isso para dizer que, na vida, há muitos espinhos, mas também há rosas perfumadas que destilam amor e alegria.

Não sei se já lhe disse, minha filha, mas, durante minha vida, busquei me envolver com práticas esportivas e artísticas com a intenção de cuidar de mim e para me relacionar, conhecer e conversar com pessoas. Assim, pratiquei natação, basquete e dança. Como sempre gostei de me banhar em água de praia e rio, me dediquei mais às aulas de natação, e como tive professores e professoras exigentes, passava horas treinando para participar de algumas competições pelo estado. Durante muitos anos de minha vida, fiz aulas de natação no Sesí, inclusive quando estava grávida de você, com 22 anos. Foram bons tempos, em que fiz amizades e pude compartilhar afetos.

Nos entremeios da vida, Maria, continuei resistindo para ocupar os espaços culturais de dança. Em certa ocasião, a prefeitura municipal armou uma Tenda Cultural com uma divertida programação, e lançou um concurso de dança para grupos e pessoas interessadas. Tentei integrar um grupo, como não consegui, porque já estavam todos formados, fui então conversar com uma professora de dança, e ela aceitou me preparar para o concurso. Na década de 1980, eramos fãs do filme *Flashdanc*, e escolhi uma das músicas da trilha sonora para compor a coreografia. Foram ensaios, mais ensaios e ensaios. No dia do concurso, quando cheguei na tenda, noite em que eu era a única que iria competir ‘sozinha’, havia muitos grupos de dança inscritos. Quando fui chamada, o frio na barriga tomou conta, mas fui... Dancei e acertei toda a coreografia – que alegria! No final, a ansiedade na espera do resultado e, para minha surpresa, o locutor me chamou e eu ganhei em terceiro lugar. Voltei para casa vibrando de felicidade e acreditando que é preciso insistir. O troféu da vitória está guardado na casa de sua avó, simbolizando orgulho para nossa família.

Mas minha vida não foi apenas atravessada pela dança e pelos esportes. A música também teve lugar. Desta vez, o espaço de convivência foi a igreja católica do bairro. Desde menina gostava de participar das atividades da igreja para estar com pessoas, poder conversar e viver. Nas comunidades periféricas, a igreja é um lugar de encontro, e de desencontro também. Durante mais de uma década de minha vida estive engajada nas atividades da comunidade, participando do Coral infantil, do grupo de

leitura, festas litúrgicas, e da coroação de Maria. Mas o que mais tomou minha dedicação foram as aulas de catequese com crianças e adolescentes, onde conversava com o grupo sobre a importância do bem viver coletivo, de sermos solidários e amáveis uns com os outros. Essa fase marcou minha vida, fiz amizades e pude exercitar o diálogo amoroso com as pessoas com as quais convivi na época.

Outro fato marcante que gostaria de lhe contar aconteceu quando eu estava na 7ª série. A escola contratou um jovem professor de geografia, negro, e ele organizou uma aula de campo em Santa Teresa, terra onde nasceu o homem dos colibris, Augusto Ruschi. Foi nessa ocasião que conheci as histórias desse ecologista e fiquei encantada com a beleza do lugar, com as matas, os pássaros, especialmente os beija-flores e as orquídeas. Aquela foi a primeira aula em campo da qual eu participei na vida escolar. E como o mundo dá muitas voltas, incentivei-a a estudar para passar no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), e em 2011 você foi morar em Santa Teresa para cursar o Ensino Médio de Técnico em Meio Ambiente. E assim como você, minha querida sobrinha-afilhada, Ana, esse ano também foi para o Ifes da terra dos colibris. E é bom destacar que vocês duas entraram no Ifes por meio do sistema de cotas, o que reforça que “Cota não é esmola”, como canta Bia Ferreira. Essa foi uma conquista e felicidade para toda a família.

Poderia passar dias e dias escrevendo sobre cada detalhe de minha vida, só que como estamos em 2018, na era dos poucos caracteres do Twitter, em que um áudio no WhatsApp com mais de 30 segundos é um absurdo, como você sempre me diz, e já escrevi tantas páginas de carta, tentarei chegar mais rapidamente ao fim.

Por isso, Maria, vou lhe contar do tempo em que cursei o Magistério em uma escola pública estadual de Vitória, pois foi quando conheci as ideias de Paulo Freire. Foi também quando aconteceu o processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor, em 1992. O país ferveu com os Caras Pintadas, um movimento estudantil brasileiro ocorrido na ocasião.

Iniciei o magistério com 16 anos de idade, época em que comecei a habitar os cotidianos escolares, onde permaneço até hoje. Depois que terminei o Magistério, passei muitos anos sem frequentar um espaço de educação formal, foi o período em que me casei e, com o tempo, você chegou em minha vida. Tempo em que trabalhei como atendente de creche, professora alfabetizadora e coordenadora pedagógica em um centro de educação infantil particular do bairro onde morávamos.

Somente depois de 10 anos ingressei na graduação em pedagogia, e, Maria, se naquela época tivesse o sistema de cotas, talvez eu entrasse na Ufes, como você que, hoje, é uma estudante cotista do curso de Artes Visuais. Fiz minha graduação com muito comprometimento e alegria, e sua avó me ajudou cuidando de você, que era bem pequena, enquanto eu ia para a faculdade. Eu saía de casa todos os dias às 6 horas da manhã para estudar de 7h às 12h, e retornava para casa de Van – naquela época não tinha um ônibus que passasse onde eu estudava e só conseguia chegar no horário se fosse de transporte

alternativo. Voltava da aula e trabalhava de 13h as 19h, uma correria só; me dividia para cuidar de você, da casa e estudar. Foi um tempo de muitos aprendizados, e na faculdade de educação foi onde li pela primeira vez o livro de Paulo Freire *Pedagogia da Autonomia*, e vivi uma experiência incrível com tantas descobertas pedagógicas.

Também na graduação conheci os estudos do professor Marcos Reigota, que hoje é meu orientador de doutorado. Fiquei curiosa com as leituras que fiz sobre Educação Ambiental, e assim decidi fazer meu trabalho de conclusão de curso em uma escola próxima da área de manguezal, para pesquisar a educação ambiental que acontecia naquele espaço educativo de um bairro periférico. Nessa época também, um ano antes de finalizar a graduação, passei em um processo seletivo para atuar como estagiária de pedagogia de um programa de comunicação ambiental (PCA) de uma grande empresa multinacional do ES. Assim, iniciei minha relação com a “educação ambiental”, acompanhando e orientando quase 30 escolas de Educação Básica, públicas e particulares, conveniadas e parceiras do PCA.

Passei um ano como estagiária, e depois fui contratada como técnica de apoio pedagógico e trabalhei por mais quatro anos, quando então o programa chegou ao fim.

E foi assim que voltei ao centro de educação infantil do bairro, só que desta vez com formação em pedagogia, atuando no cargo de diretora pedagógica. Bom, como a grana era curta, além desse trabalho durante o dia, a noite atuava como professora em um instituto de ensino superior de pequeno porte. Foi também nesse período que senti um desejo enorme de voltar a estudar, e passei um ano estudando para tentar ingressar no mestrado em educação da Ufes. Foi nesse momento que também comecei a atuar como tutora em um curso de educação ambiental a distância (Ufes), circunstância que me aproximou do professor Soler Gonzalez, e começamos a trilhar juntos a nossa geografia dos afetos. Depois de muitos estudos e da elaboração de um projeto de pesquisa, passei em primeiro lugar e consegui uma bolsa de estudos da Capes. Fiquei numa felicidade imensa: era a primeira pessoa de minha família a ingressar em um programa de pós-graduação em uma universidade pública. Durante dois anos, dediquei-me de forma integral aos estudos do mestrado. E depois que terminei, eu queria mais e mais. Eu quero sempre mais...

E assim iniciei uma maratona para estudar e reorganizar um projeto de pesquisa, conquistando uma vaga no programa de pós-graduação em educação da Uniso, em Sorocaba. Conto isso para você, Maria, porque você me acompanha de perto e sabe dos desafios diários que temos que enfrentar.

Mas, por aqui vou terminando. Antes desejo dizer que, durante o período em que estive no doutorado, o Brasil ferveu com a primavera secundarista, com as ocupações das escolas públicas de ensino médio e universidades em 2016. Inclusive, lembro que você participou e passou dias e dias na Ufes ocupando o centro de artes. Foi preciso muito fôlego para escrever uma tese entre tremores e tempestades, *impeachment* da presidente Dilma. Mas o tempo não para, e não parou: foi necessária muita

força e ânimo para resistir e reinventar possibilidades outras de vida no presente, e pensar como seria um trabalho com mulheres no congo, o que são práticas de re-existência ecologista.

Para encerrar, Maria, gostaria de comentar sobre os atos de resistência que emergiram em 2018 com o mote #EleNão, onde milhares de mulheres de todo o Brasil foram às ruas lutar contra o fascismo. E gritamos “A nossa luta é todo dia contra o racismo, o machismo e a homofobia”. E a esperança não pode morrer, precisamos acreditar nos possíveis, por nós e por Marielle Franco, mulher negra vereadora brutalmente exterminada em 2018, no Rio de Janeiro. As vitórias são pequenas e miúdas, mas acontecem, como mostrou o resultado da eleição para a casa legislativa de 2018, em que elegemos uma bancada de candidatos envolvidos com a solidariedade, a cidadania e a democracia para todas e todos.

Desejo que você siga com alegria de viver, de conviver, de estar com pessoas para conversar, escutar, conhecer suas histórias. É isso que potencializa ecologias outras, existentes nesses movimentos de amizade, amor, pois é pelas brechas que podemos insistir, resistir e re-existir com amorosidade e alegria.

Com muitos afetos de sua mamis. Amo muito você! Andreia

### **Carta para Marcos Reigota: a aventura de tornar-se**

Boa noite professor Reigota.

Os últimos dias foram vividos por mim de modo intenso-tenso-denso. Estive às voltas com o concurso público para o cargo de professora adjunta da Ufes para trabalhar com a educação para as relações étnico-raciais. Tentei com empenho, durante esse período, mergulhar na bibliografia disponibilizada pelo Edital, e o contato com estas leituras me fez pensar que estive míope durante todo esse tempo de minha vida, pois me aproximei de problematizações até então desconhecidas por mim; me senti imersa em histórias, pesquisas e estudos que também me compõem.

Mas veja você, ontem, dos 101 candidatos/as, só compareceram 58 pessoas no dia da prova. O tema sorteado foi *Escola, currículo e as questões étnico-raciais na educação básica*. De 9h as 12h foi o momento destinado a escrita da prova... Iniciamos a leitura pública perto das 15h, e assim fomos até 10 horas da noite. Como em média cada pessoa escreveu de 10 a 15 páginas, isso fez com que o processo de leitura fosse lento. De acordo com a coordenação do concurso, essa foi a primeira vez que a Ufes recebeu em um concurso um número tão grande de candidatos/as – e olha que muitos faltaram! Uma situação inesperada e incomum. Isso se deve ao fato de o Edital contemplar todas as licenciaturas e aceitar doutorados em diferentes áreas, e não apenas em Educação, como é o comum no caso do Centro de Educação.

Com tantos candidatos/as inscritos/as, foi preciso ampliar a leitura pública da prova para o dia seguinte. Assim, passamos a manhã do primeiro dia escutando cada candidato/a ler sua prova – algumas pessoas desistiram de participar desta etapa, sendo desclassificadas.

Confesso que fiquei muito emocionada com a leitura pública da minha prova. Passou um filme pela minha cabeça, tantas discriminações e preconceitos raciais vividos na pele durante toda minha vida pessoal, escolar, acadêmica. Foi um momento marcante, inclusive porque era a primeira vez que participava de um concurso público, e, coincidência ou não, com essa temática-área-eixo. A escrita da minha prova foi um testemunho, e de fato os questionamentos que inseri na prova partiram das minhas experiências, pois apesar de minha certidão indicar que sou parda e o IBGE utilizar a categoria pretos e pardos, eu, hoje, me autodeclaro, numa atitude política, como negra. Sou uma mulher negra!

Professor Reigota, apesar do imenso cansaço, escutar a leitura e conhecer os modos de escrita de cada pessoa foi simplesmente enriquecedor, posso dizer que aprendi muito. Fiquei imensamente feliz em conhecer tantas pessoas, provenientes de diversos lugares do Brasil – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Curitiba, Bahia, Belém –, comprometidas com os estudos da educação para as relações étnico-raciais; negros/as e brancos/as juntos por um tema comum. A grande maioria das pessoas escreveu e fundamentou com propriedade os textos, talvez com mais propriedade que eu; muitos citaram toda a bibliografia indicada no concurso de modo bem argumentativo. Meu texto, professor, foi modesto. Uma escrita inspirada em Paulo Freire, na *Pedagogia do Oprimido* – oprimidos, educação bancária, diálogo, amor –, além disso, inseri no texto alguns pesquisadores da temática, destacando narrativas de crianças e professoras sobre o assunto. Finalizei-o satisfeita com a escrita da prova, porém, quando tomei conhecimento dos outros textos, percebi que poderia ter feito muito melhor. Recebemos a chave de correção no final da prova, uma chave de correção completamente aberta – adequação à norma padrão da língua portuguesa e unidade do texto, capacidade de problematização, desenvolvimento e fundamentação teórica do tema, conhecimento da bibliografia indicada e atualização do debate acadêmico e clareza na escrita argumentativa e finalização do texto –, penso que a banca enfrentará um grande desafio para avaliar tantas provas que considere muito boas.

Com um turbilhão de sentimentos, terminei com a sensação de que valeu a pena o aprendizado. Participar desse concurso me fez enxergar as relações étnico-raciais nos cotidianos da minha vida, ou seja, pensar que minha miopia está em processo de tratamento, e sinto que preciso continuar estudando e pesquisando sobre esse assunto. Preciso também escrever sobre isso e exercitar práticas pedagógicas antirracistas nos espaços de convivência que frequento.

Um abraço! Andreia

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto apresentou narrativas autobiográficas de uma mulher negra, professora e pesquisadora, cujo foco recaiu na construção de sua identidade racial. Por meio da escrita das cartas, foi possível recordar o passado e criar uma reconciliação que me tornou mais forte e empoderada nos processos de escrita e preparação do volume final do doutorado, fase em que vivi um autocrescimento não só com a própria construção da tese, mas também com a marcante presença das autoras e autores na constituição do trabalho e da minha vida de um modo geral. Com as narrativas autobiográficas, me reconectei com certas memórias, acontecimentos, experiências que me possibilitaram constituir uma voz própria e erguê-la no sentido do desmonte das estruturas opressivas de uma sociedade marcadamente patriarcal e racista e fortemente colonialista. E assim, nas vozes-mulheres “se fará ouvir a ressonância do eco da vida-liberdade” (EVARISTO, 2017c, p. 24-25).

### REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. Raça, estrutura e classe no Brasil. Entrevista concedida a Bianca Santana. **Revista Cult**, São Paulo, 9 de maio de 2017.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio da escola: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed., 2: reimp. São Paulo: Contexto, 2015.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016a.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016b.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.
- EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017d.
- HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: Reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

RAMOS, Teixeira Andreia. **Mulheres no congo do Espírito Santo**: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares. 2018. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo.

REIGOTA, Marcos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. In: CORDEIRO, R. KIND, L. (Org). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016. p. 49-66.

OCUPAÇÃO ABDIAS NASCIMENTO. **Itaú cultural**. Catálogo. São Paulo. 2006.

***Title***

Autobiographical narratives of a black woman: race and gender social identities.

***Abstract***

This text focuses on the theme of racial and gender identities constituted in the daily life of a student/teacher, during the doctorate course in education, from the contact with vast academic materials related to ethnic-racial issues. The aim of this paper is to present autobiographical narratives of a black woman, who is a teacher-researcher, focusing on the construction of her racial identity. The theoretical basis that supported the reflections was the voices of several black women, here I mention bell hooks, Grada Kilomba and Sueli Carneiro. Another important presence is that of Conceição Evaristo's literature, which invites us to trace the art of writing/living autobiographical narratives that carry feelings, gestures, affections, friendships, tensions, conflicts, negotiations, which are part of the memories of the author's life experiences. Besides Paulo Freire's texts with emphasis on the writing of letters, an important pedagogical procedure that made possible the elaboration of autobiographical narratives as a way to promote the process of constitution of my racial identity. The methodology used was narrative research, using the genre letter as an exercise in narrating, used here with pedagogical and methodological value, not exactly for the purpose of sending to recipients. As results, with the writing of autobiographical narratives I reconnected with certain memories, events, past experiences, raising my voice in the process of self-growth and self-recovery, enabling the dismantling of structures of domination, and reinventing other ways of being and living.

***Keywords***

Autobiographical narratives; Social identities of race and gender; Black woman.

---

Recebido em: 11/11/2019.

Aceito em: 22/12/2019.